

PSICANÁLISE

Cirlana Rodrigues de Souza

# O autismo como estrutura subjetiva

*Estudo sobre a experiência do autista na  
linguagem e com a palavra*

**Blucher**

# O AUTISMO COMO ESTRUTURA SUBJETIVA

*Estudo sobre a experiência do autista  
na linguagem e com a palavra*

Cirlana Rodrigues de Souza

*O autismo como estrutura subjetiva: estudo sobre a experiência do autista na linguagem e com a palavra*

© 2023 Cirlana Rodrigues de Souza

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editores* Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

*Coordenação editorial* Andressa Lira

*Produção editorial* Thaís Costa

*Preparação de texto* Regiane Miyashiro

*Diagramação* Guilherme Salvador

*Revisão de texto* MPMB

*Capa* Laércio Flenic

*Imagem da capa* Acervo da autora.

---

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Souza, Cirlana Rodrigues de

O autismo como estrutura subjetiva : estudo sobre a experiência do autista na linguagem e com a palavra / Cirlana Rodrigues de Souza. – São Paulo : Blucher, 2023.

508 p. : il

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-583-1

1. Psic análise 2. Autismo I. Título

23-3761

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psic análise

# Conteúdo

<b>Parte I – O autismo como estrutura (não)borromeana: primeiras aproximações</b>	<b>23</b>
1. O que é estrutura em psicanálise?	27
2. A estrutura no simbólico: a cadeia significante	31
3. A estrutura (do) Real: topologia borromeana	77
4. Um adendo sobre o grande Outro	83
5. A estrutura topológica de borda e os objetos	91
6. O nó borromeano: escrita do inconsciente	123
7. A estruturação borromeana	131
8. Das primeiras elaborações sobre o autismo como estrutura (não)borromeana	147
<b>Parte II – Autismo: estrutura subjetiva em psicanálise</b>	<b>153</b>
9. Elementos simbólicos e suas relações que compõem as estruturas	157

10. Um centro de saber e o corte que o faz esvaziado	161
11. A proposição de Rosine Lefort e Robert Lefort	167
12. A demanda e o desejo no autismo	173
13. Distinção estrutural	181
14. Traços das distinções estruturais e as ficções que estruturam a realidade psíquica	183
15. A proposição do autismo como estrutura topológica: estrutura de borda e estrutura topológica (não)borromeana	231
<b>Parte III – Recusa aos desdobramentos significantes e renúncia ao saber suposto pelo Outro: a trajetória da negação no autismo</b>	<b>269</b>
16. Princípios das negativas em psicanálise: do Simbólico ao Real como presença vazia	273
17. A função estrutural da negativa na psicanálise	291
18. A negativa no inconsciente estruturado como uma linguagem: das negações na gramática à negatividade do objeto	303
19. A negação como ordenação lógica <i>avant</i> a seriação significativa	325
20. A negativa como barra: o <i>nãotodo</i>	331
21. A negação em <i>O aturdido</i>	341
22. A negação na constituição do sujeito	369
23. A negação no autismo	383
24. O caso Dick	399

25. A voz no contexto das elaborações psicanalíticas	411
26. O que há de voz nos ditos de Dick?	429
Considerações finais	489
Referências	497

# 1. O que é estrutura em psicanálise?

O discurso psicanalítico pressupõe o inconsciente estruturado como uma linguagem: é a estrutura da língua, conforme os estudos de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson contemplados na estrutura simbólica suposta pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss. Esses estudos permitiram a Jaques Lacan ler os fundamentos psicanalíticos nos trabalhos de Sigmund Freud. Nesse discurso, o autismo coloca uma interrogação: essa estrutura simbólica daria conta de pensar o autismo e suas especificidades como tipo clínico?<sup>1</sup>

Jacques Lacan (2003a) aborda o estrutural em psicanálise levando em conta a distinção e a articulação dos elementos da língua como o que da linguagem estrutura o inconsciente. Essa estrutura não

---

1 Minha hipótese contempla a questão da negativa para o autismo, cabendo perguntar, nesse ponto: se a estrutura da língua define o tipo autismo (ou autismos), como pensar nas negativas, pois elas derivam do simbólico? Ou algo nessa inscrição afirmação/negação abriria essa possibilidade para outra especificidade estrutural? A questão da negativa, como toda questão estrutural na psicanálise de Jacques Lacan, ganha outra elaboração diante da invenção do objeto *a*, percurso a ser feito na terceira parte.

concerne a patologias e cada sujeito, na relação com o traço unário que o significante carrega, será uma estrutura dita normal, no sentido daquilo que não é qualificável e marca como singularidade. Para a psicanálise, a estrutura não é um arranjo de critérios e características descritas e generalizantes:

*O neurótico é normal, na medida em que, para ele, o Outro, com O maiúsculo, tem toda a importância. O perverso é o normal, na medida em que para ele o falo, o grande F, que vamos identificar com esse ponto que dá à peça central do plano projetivo toda sua consistência, o falo tem toda a importância. Para o psicótico, o corpo próprio, que se deve distinguir em seu lugar, nessa estruturação do desejo, o corpo próprio tem toda a importância. (Lacan, 2003a, p. 398)*

O significante “normal” merece ser apreciado considerando que estou dentro de um campo sinuoso entre a doença e a saúde, entre a patologização da vida e o reconhecimento de uma condição singular de existência com seus impasses, sofrimento, mal-estar e angústia. Dizer que o neurótico é normal, assim como o perverso e o psicótico, é dizer que esse sujeito parte de determinada posição suposta na linguagem, e não que ele se limita a essa posição. Assim como a língua que ofereceu um modo de funcionamento do inconsciente à psicanálise, essa estrutura subjetiva se transforma cada vez que se realiza no dizer de um falante. Ao falar, o sujeito perturba esse sistema que lhe pré-existe.

A estrutura não é um desvio ou um *déficit*, “mas agenciamento de elementos de acordo com certas configurações, com certas relações que são variáveis” (Porge, 2014a, p. 30), cujos parâmetros não são normas, mas a relação demanda e desejo. Ao dizer neurose, psicose



e perversão (autismo, *bordeline*), a psicanálise não descreve atributos de indivíduos que regulam suas vidas e tomadas de decisões, mas um ponto de vista atravessado pelo não saber do inconsciente sobre a estruturação de um desejo e seu sujeito como resposta à demanda, ao real e ao gozo, em que o analista está incluso sob transferência. Esse não saber é presentificado no outro para o neurótico, no falo para o perverso e no corpo para o psicótico. E para o autista?

## 2. A estrutura no simbólico: a cadeia significante

O psicanalista francês Jacques Lacan (1953/1998b), no texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, inaugura o simbólico e o primado da fala como o que da linguagem determina o sujeito do inconsciente, a partir de sua centralidade na psicanálise, desde Sigmund Freud. O imaginário como sentido dado, forjado a partir do limite do que olho vê, sem levar em conta o que dele escapa, e como estruturação pré-verbal, estava sendo questionado dentro da prática do inconsciente. O psicanalista deve dominar as funções da fala (e o campo da linguagem) como meio da realização da experiência analítica de cura e discursividade, da escuta analítica: “não há fala sem resposta, mesmo que depare apenas com silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e é esse o cerne de sua função na análise” (p. 249).

Trata-se de não desvincular a intenção imaginária da relação simbólica, mas articular o semelhante e o diferente, ascender sobre o imaginário da fala plena o simbólico e o que ele comporta de equívocos, cortes, vazios, suspendendo as certezas do sujeito, tornando o imaginário um engano. Mesmo o silêncio, assim como

a fala vazia, tem seu valor: “Mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que ela constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com fé no testemunho” (Lacan, 1953/1998b, p. 253), com fé na palavra dita. O discurso é a fala no mundo, qualquer que seja ela, é a existência. Cabe ao analista escutar a parte “significativa” desse discurso, as meias-palavras, os lapsos, os silêncios, fazendo a escansão oportuna. Nota-se que discurso e fala, nesse momento, são correlatos.

A partir da experiência de Ana O. (a primeira histérica em análise) com seu *talking cure* que coloca Freud e Breuer diante da teoria do trauma, Lacan (1953/1998b) discorre sobre a fala plena: o sujeito faz passar o sintoma para o verbo, ele o verbaliza para um outro. Isso fundamenta a primazia da fala no campo psicanalítico, prevalecendo a ideia de comunicar algo (mesmo não sabido) a alguém, pois a psicanálise, tal como elaborada por Freud, é ascensão da história do sujeito à posição constitutiva por ser contada em uma fala endereçada a alguém. O aspecto enunciativo da fala (no sentido de ser endereçada ao outro, em que um fala e o outro escuta), leva a questionar como a assunção da história do sujeito constituída na fala deve ser reformulada para o autista, na medida em que este não endereça a fala nem ao outro imaginário nem ao Outro simbólico: não seria apenas não se direcionar pela fala ao outro, mas, antes, de um desejo em fazer-se escutar, desejo esse que invoca o Outro.

O psicanalista recorre à fala plena e vazia para curar e explicar o sintoma:

*Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história,*

*no que ela constitui a emergência da verdade no real.*  
(Lacan, 1953/1998b, p. 259)

O termo indivíduo é unidade e não se refere ao sujeito dividido da psicanálise, e os meios são a fala naquilo que ela carrega o simbólico que estrutura o inconsciente. O inconsciente é discurso, o capítulo censurado da história do sujeito escrito como verdade no sintoma histórico, nas lembranças da infância impenetráveis, no vocabulário e na semântica de cada sujeito, nas lendas que formam sua história, e os restos (vestígios) dos capítulos censurados que são reestabelecidos pela interpretação em análise. Esses aspectos do inconsciente se realizariam no peso dos sentidos na fala plena e é nela que o sujeito se reconhece. Esse inconsciente é o discurso do Outro não como analogia, mas como metáfora, e nada nele é natural, pois há sujeito por este ser falado: toda a lógica inconsciente é comportada pela fala que dá sentido à experiência de análise.<sup>1</sup> Essa relação se sustenta, conforme tese de Lacan retornando à *Traumdeutung*, de Freud, no fato estrutural (e constituinte) de que:

*o sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos à sua letra, de um rébus, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes*

---

1 O Outro aparece com O maiúsculo talvez pela primeira vez no ensino de Lacan, porém sem que o psicanalista faça qualquer comentário que diferencie Grande Outro de outro, com o minúsculo. No texto em francês “Fonction et champ...” (1953), acessível em [http://staferla.free.fr/Lacan/fonction\\_et\\_champ.htm](http://staferla.free.fr/Lacan/fonction_et_champ.htm), temos ocorrências como “*Que l’inconscient du sujet soit le discours de l’Autre*”. O que poderia levar a supor que a lógica de alteridade, do Outro como lugar, ainda não havia sido estabelecida, prevalecendo o outro da intersubjetividade que escuta o que o sujeito fala, sem a dialética opositiva da estrutura simbólica.

*que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito quanto nos caracteres cujo uso a China conserva. (Lacan, 1953/1966 [1998b], p. 268)*

Decifra-se o inconsciente, cerne da experiência psicanalítica, que, estruturado como uma linguagem e como o sonho, é falado na sintaxe da língua via figuras de linguagem, metáforas e metonímias, deslocamentos e condensações, como uma composição poética. A escrita concerne aos traços fonológicos da língua e, como tais, acessados por deciframento de uma forma. Vale destacar que o inconsciente vai de uma escrita significativa a uma escrita hieróglifa.<sup>2</sup> Ao falar do sonho, o paciente fala de seu desejo a um outro para que esse outro reconheça seu desejo.<sup>3</sup> Nos equívocos do inconsciente, há uma combinatória que os ordena e que a análise revela pelos lapsos, sonhos, chistes, esquecimentos e outras formações: a análise revela o efeito de sentido dessa combinatória. A relação que ordena o inconsciente é do signo, naquilo que articula significativa e significado, e não ideia e símbolo, pois este é o que faz pacto social

- 
- 2 A Pedra de Roseta nos dá a dimensão do que é a escrita hieróglifa, grafada por traços de difícil acesso via lógica simbólica, prevalecendo a transliteração como o modo de se ler e decifrar o que não se traduz de uma estrutura real para a estrutura simbólica. Há desacordos entre os estudiosos da matéria em relação às três estruturas de linguagens distintas que nela se encontram grafadas: hieróglifos, demótico egípcio e grego. De modo geral, são três tipos de hieróglifos: ideogramas, imagens traduzidas como aquilo que representam; glifos fonéticos, imagens que representam os fonemas da língua; determinativos, imagens que não se traduzem em fala, presentes apenas na escrita. Cada hieróglifo não representa uma letra, mas uma sílaba fonética que tem como base a fala direta e sem ordem padronizada.
- 3 O desejo é o Desejo do Outro reconhecer o desejo do sujeito, estendendo a máxima de Hegel – e não o que o outro tem. O objeto desejado/o desejo do sujeito encontra seu sentido no desejo do outro. Entretanto, em sua especificidade, o autista interroga a busca desse reconhecimento no outro, ponto a ser explorado na segunda parte do texto.

e o significante não faz pacto, concerne ao sujeito e se destaca no campo da linguagem.

Lacan (1953/1966[1998b]) salienta que a palavra é presença feita de ausência, “toma corpo como vestígio de um nada” (pp. 277-278), nada que gera a coisa. O inconsciente, esse nada gerado pela palavra feita de ausência, inscreve-se pela operação descrita por Freud como *fort-da*, em 1920, em *Para além do princípio do prazer*, na qual o mundo das palavras cria o mundo de todas as coisas, e um conceito é essa coisa que o nada gera: “O homem fala, pois, porque o símbolo o fez homem”. Esse símbolo ausente é puro significante em sua função: por isso, o recurso do psicanalista é a fala como possibilidade de acesso ao ausente.

Ao retomar o Complexo de Édipo como o limite do sujeito no universal da linguagem, um corte para uma existência desejante e singular, Lacan (1953/1966[1998b]) mostra que a marca dessa lei se incorpora pelo *Nome-do-pai*, significante que articula a lei com a imagem que a encarna: identificação, colocando esse significante no centro da estrutura.

Na relação entre fala e linguagem, existem três paradoxos para o sujeito, conforme Lacan (1953/1966 [1998b]): a linguagem sem dialética, que não se faz reconhecer como na loucura, “liberdade negativa de uma fala que renunciou a se fazer reconhecer, ou seja, um obstáculo para a transferência” (p. 281), como o delírio, em que a ausência de fala se manifesta pelo fato do sujeito ser mais falado do que falar; no campo do sintoma (da inibição e da angústia), a fala é excluída do discurso e o sintoma passa ser *o significante de um significado recalcado*, de ambiguidade semântica escrita na carne, e o sintoma é fala plena por incluir o outro e a demanda de reconhecimento [sentido] pelo Outro. O último paradoxo concerne ao sujeito que (se) perde do sentido nas *objetivações do discurso*, em que o sujeito se explica cientificamente em análise, ou, aplica-lhe

a teoria psicanalítica, é o “eu sou” do homem moderno alienado: a fórmula da alienação, “o sujeito é mais falado do que fala”, por isso a exigência da psicanálise pela fala plena, pela primazia da fala, e o psicanalista como o “praticante da função simbólica”.

Para explicar a estrutura simbólica do inconsciente, o psicanalista segue o caminho feito pela linguística estrutural como uma das ciências modernas. Lacan (1953/1966[1998b], p. 286) encontra na matemática combinatória dos fonemas – a lógica opositiva da teoria do valor nos menores elementos da língua – as origens da função simbólica tal como Freud descreveu para “uma conotação vocálica da presença e da ausência”. A experiência do *fort-da* é estrutural e carregada pela sonoridade da língua assentando o inconsciente nos sistemas de linguagem descritos pelo estruturalismo. O interesse é pelas estruturas sincrônicas diferenciadas das estruturas diacrônicas na linguagem: é o aqui agora da fala em análise construída pela associação livre. Acrescento outro paradoxo: uma estrutura de linguagem pré-existente ao sujeito se encontra com o falar livremente.

As ressonâncias da interpretação e o tempo do sujeito na técnica psicanalítica reconduzem a experiência psicanalítica à linguagem e à fala por lidar com o inefável, pelo que soa e ressoa da fala (nas formalizações fonéticas dos morfemas da fala do paciente), servindo-se da própria resistência (como o que retorna da história do sujeito) e implicando o sujeito nela (história, lógica e temporalidade/*atribuição-retribuição/ressonância semântica/predicados/jogo amoroso*). A análise joga com “a divisão que a fala constitui nos registros da linguagem” (Lacan, 1953/1966[1998b], p. 292), na medida em que nessa divisão se escuta algo do desejo do sujeito. Por isso, o efeito – no sujeito – também é pela escuta do que ele diz e não pela interpretação, como se no inconsciente houvesse símbolos a serem decodificados: no inconsciente, o que há são formas negativas na lógica do valor do significante e que ressoam na fala do sujeito;

o desejo como interpretação é ler a falta e o que dela ressoa, e não nomear o que o analisante quer, renovando assim a técnica.

A tradição hindu sobre o *dhavani* ensina a capacidade que a fala tem de evocar (fazer ouvir) o que ela não diz, retomando a lógica da presença/ausência constitutiva da palavra fundamental para a estruturação do inconsciente. Ao discutir sobre o que nos intimida a falar, Lacan (1953/1966[1998b]) lembra que a “função simbolizadora [da fala] não faz nada menos do que transformar o sujeito a quem se dirige, através da ligação que estabelece com aquele que a emite, ou seja: introduzir um efeito de significante” (p. 297). Nessa passagem, merece destaque, considerando o autismo, a fala como o que “liga” o sujeito ao outro e coloca o significante em cadeia, cujo efeito é o sujeito do inconsciente. Se com o autista essa função simbólica da fala é destituída em termos constitutivos, à primeira vista, o que introduz esse efeito de significante, a cadeia articulatória? Haveria a cadeia de linguagem articulatória em outros moldes combinatórios?

A linguagem é trazida como relação entre elementos, o valor, a posição de fonemas, semantemas etc. As línguas humanas são muito diversas e falar implica quem fala e a quem se dirige, pois o primeiro oferece ao segundo uma nova realidade. Ao falar ao outro, o sujeito se implica no que diz – fala de si (*Tu és minha mulher*, implica que quem fala é homem.<sup>4</sup> Assim, toda fala inclui sua

---

4 O termo “implicar” é presente ao longo da teoria para dizer da relação do sujeito com o que fala, como nessa passagem que indica o que ele é, como de modo sempre mais particular em que o ser é implicado no que diz não como responsável, culpado, identificado, mas como o que ele é exatamente no ponto em que diz, é torção que amarra as dimensões desse dizer formando um corpo – o ser falante. É possível supor que o autista, no avesso de outros seres falantes, insiste nesse lugar do implicar-se no próprio dizer antes de estender-se ao outro, pelo que diz. Ser falante é implicar-se no dizer como perturbação: toda vez que falo, perturbo o Outro e perturbo meu corpo (gozo). Vale esclarecer que o termo “homem” é mantido como referência linguística formal de oposição ao termo “mulher”, e não como questão de gênero.



resposta, pois “o emissor recebe do receptor sua própria mensagem de forma invertida” (Lacan, 1953/1966[1998b]), p. 299): eu falo, o outro escuta, ele me responde e eu escuto nessa resposta o que eu disse, mas de modo reverso, o que me torna sempre implicado no que disse. A fala não é apenas funcional e informativa, no sentido de uma linguagem comum a todos de uma comunidade promovendo a intersubjetividade e a exatidão de sentidos:

*O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder. (Lacan, 1953/1966[1998b], p. 301)*

Ao convocar o outro pela fala, impõe-se uma função subjetiva a este que é de reconhecer, no sujeito, uma resposta ao desejo. A linguagem não imaterial, retoma Lacan (1953/1966 [1998b]), na sequência, é “um corpo sutil, mas é corpo” (p. 302), corpo cujo dom é a fala. O dom é dar, receber e retribuir significantes, significados e signos, e esse dom torna o falar uma relação perturbadora:

*As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito; podem engravidar a histerica, identificar-se com o objeto do Penis-neid, representar a torrente de urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo avarento. Mais ainda, as próprias palavras podem sofrer lesões simbólicas, realizar os atos imaginários os quais o paciente é sujeito. (Lacan, 1953/1966 [1998b], p. 302)*

O corpo é corpo significante, ainda distante do corpo de linguagem pelo que nela habita do real, justificando que o objetivo da análise seja a fala plena, na qual o sujeito articula sua história com seu futuro e seu passado interessa na medida da presença sincrônica quando dele se fala.

A experiência analítica, velada sob formas negativas, é a articulação do real, do imaginário e do simbólico. Nesse ponto, a fala plena do sujeito carrega, aos ouvidos do analista, a resposta que ele procura e, a função deste, é de suposto-saber, de dialetizar esse circuito pergunta-resposta, evitando que se instaure o imaginário da interpretação. Trata-se da conjugação real e simbólico na análise no que concerne à história, à lógica e ao tempo, marcada pela negatividade que se articula nos problemas da fala e sua junção com o instinto de morte. Lacan (1953/1966[1998b]) mostra que nessa conjugação de contrários, instinto e morte, dá-se a dialética: o instinto, “é a lei que regula em sua sucessão um ciclo fundamental para a realização de uma função vital, e a morte desde logo como a destruição da vida” (p. 318). A vida comporta forças que resistem à morte (homeostase), instaurando uma relação contraditória entre vida e morte. Nessa relação, o automatismo de repetição mostra a “temporalidade historicizante da experiência da transferência” e, o instinto de morte, em sua negatividade, mostra o limite da “função histórica do sujeito” (Lacan, 1953/1966[1998b], p. 319), mostra sua indeterminação no intervalo de tempo que é o intervalo entre significantes. O morto que se escreve na repetição na fala sob transferência é o passado que se manifesta revertido, como o “eterno retorno” do mesmo, lembra Jacques Lacan em nota acrescida ao texto, em 1966: passado, memória e futuro inscritos na subjetividade como a negatividade que o significante carrega, traço (unário) apagado, e o tempo na experiência analítica é o da *fala que dura*.

Os fundamentos lacanianos da análise se sustentam na fala, nos idos desse ensino.

A repetição, na fala, é o jogo que fomenta a subjetividade, tal como no jogo de ocultação do *fort-da* do neto de Freud, o pequeno Ernest: “o momento em que o desejo se humaniza é também aquele em que a criança nasce para a linguagem” (Lacan, 1953/1966[1998b], p. 320). Experiência estrutural e constitutiva na medida em que entra na lógica e na temporalidade da negativa, em que o símbolo se manifesta inicialmente como assassinato da coisa, e essa morte (privação do outro) constitui no sujeito a eternização de seu desejo.

O que há, antes dos jogos seriais da fala, é a morte, a negatividade, o primordial do nascimento da linguagem, do desejo, onde não há sentido. Esse é o centro da estrutura subjetiva, um centro externo da linguagem: escapa à fala, mas constitui o sujeito. A estrutura subjetiva é como uma estrutura topológica em torno desse vazio central que a fala, ao carregar significantes, contorna:

*Dizer que esse sentido do mortal revela na fala um centro externo à linguagem é mais do que uma metáfora, e evidencia uma estrutura. Essa estrutura é diferente da espacialização da circunferência ou da esfera onde nos comparamos em esquematizar os limites do vivente e de seu meio: ela corresponde, antes, ao grupo relacional que a lógica simbólica designa topologicamente como um anel. Ao querer fornecer dele uma representação intuitiva, parece que, mais do que à superficialidade de uma zona, e a forma tridimensional de um toro que conviria recorrer, na medida em que sua exterioridade periférica e sua exterioridade central constituem apenas uma única região. (Lacan, 1953/1966[1998b], p. 322)*

Essa premissa da topologia estrutural que vem exercitando nos últimos cinco anos de seu ensino, é lembrada por Jacques Lacan

em nota de rodapé, ao acrescentar esse parágrafo ao texto de 1953.<sup>5</sup> A experiência psicanalítica se compõe da estrutura da linguagem. Extrai dela os efeitos da função fala e do campo da linguagem que o psicanalista deve conhecer, em que o ser se submete à lei da fala, se reconhece pelo dom de falar e de invocar o outro aos moldes de uma linguagem de criação e reinvenção de si mesmo e da própria estrutura:

*A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou a sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém. Se o espaço definido por esse dom da fala tem que bastar para a ação de vocês e para seu saber, ele bastará também para seu devotamento. Pois oferece um campo privilegiado. (Lacan 1953/1966[1998b], p. 322)*

Depois da primazia da fala, Lacan (1956/1998e, p. 13) inscreve o primado do significante no discurso psicanalítico, mantendo a função da fala de “carregar” significantes: a carta é função do significante que determina o sujeito. O inconsciente é uma ex-sistência (ainda lugar excêntrico) situando o sujeito no simbólico na insistência significante e libertando a psicanálise das impregnações imaginárias. Situa-se, desse jeito, o que lhe concerne na cadeia simbólica:

---

5 Nessa passagem, a formalização matemática (intuitiva, formal e lógica) se enlaça à teoria significante de Jacques Lacan, encontrando na topologia do anel borromeano sua escrita estrutural. Ele profere uma frase que dirá anos depois: a estrutura não é uma metáfora.

a estrutura do sujeito como a cadeia de significantes, com lei própria de funcionamento e não de regras gramaticais. Nessa série, inscreve-se o mecanismo estrutural das negativas, germinado no contraditório entre morte e vida:

*Mas nós estabelecemos que é a lei própria a essa cadeia que rege os efeitos psicanalíticos determinantes para o sujeito, tais como a forclusão (Verwerfung), o recalque (Verdrängung) e a própria denegação (Verneinung), acentuando com a ênfase que convém que esses efeitos seguem tão fielmente o deslocamento (Entstellung) do significante que os fatores imaginários, apesar de sua inércia, neles não figuram senão como sombras e reflexos. (Lacan, 1956/1998e, p. 13)*

A história da carta roubada ilustra como o sujeito do inconsciente se constitui na cadeia simbólica sendo determinado pelo percurso do significante. Ou, de modo enfático, a concatenação significativa é determinante do sujeito. Na narrativa da carta roubada, a ordem significativa tem uma cena primitiva que se repete, um significante primeiro que carrega algo destituído de significação de onde se articulam, pelas negativas mencionadas, os outros significantes. Essa cadeia se estabelece do um e depois mais um, e assim sucessivamente.

Lacan (1956/1998e) se interessa pelas propriedades do discurso, as virtudes da fala: a dimensão imaginária, dos símbolos, da comunicação de significação única, de relação direta com o objeto em cena; e a dimensão simbólica, do segundo diálogo, dos polos da palavra e da fala, dimensão que se localiza no outro como absoluto, pois o inconsciente é o discurso do outro. No que concerne à fala, há uma articulação do imaginário com o simbólico: o simbólico é o funcionamento da fala, o imaginário se refere aos signos, às palavras

e ao sentido. Há a confirmação da presença no outro que consiste na supremacia do significante e na primazia da fala na ordem significante, em que esse significante, em suas relações singulares, não encontra palavras que o alcance. A carta é letra. O grande Outro tem uma definição para além daquele que reconhece o sujeito escutando o que este fala e ganha função de um lugar simbólico e todo: o Outro como campo da linguagem.

Lacan (1956/1998e, p. 27) afirma que o significante materializa a instância da morte. A letra é morte, vazio de sentidos, carrega o significante que é unidade por ser único, “símbolo de uma ausência”. A letra/carta é presença em ausência: “estará e não estará onde estiver, onde quer que vá”. O resto é o lixo do real, sem especificar o que é esse real. O significante não é funcional e precede o significado. Esse elemento significante é incontornável na clínica psicanalítica. Na clínica com crianças, tende-se a pensar nas aquisições funcionais e exploratórias no brincar, deixando de fora o poético da invenção. Na clínica com o adulto, busca-se sempre um significado tamponando os efeitos dessa ausência em presença realizada por um significante. Com o autista, basta que aprenda funções e utilidades dos objetos, tornando-se uma criança ou um adulto autônomo, portanto, funcional.

A carta desviada, de caminho alongado, é “o *verdadeiro* sujeito do conto: é por poder sofrer um desvio que ela tem um trajeto que lhe é próprio” (Lacan, 1956/1998e, p. 33, grifos do autor). A ordem significante tem um desvio diante do esperado, do endereçado, e esse desvio é o sujeito. A história falada do sujeito é agora uma história contada na qual o significante só se sustenta em cadeia, na alternância de suas posições, nos deslocamentos que inscreve seu retorno ao ponto inicial, a repetição. Tudo segue o significante, é o que Jacques Lacan lê em Freud:

*o deslocamento do significante determina os sujeitos em seus atos, seus destinos, suas recusas, suas cegueiras, seu*

*sucesso e sua sorte, não obstante seus dons inatos e sua posição social, sem levar em conta o caráter e o sexo, e que por bem e por mal seguirá o rumo do significante, como armas e bagagens, tudo aquilo que é da ordem do psicológico. (Lacan, 1956/1998e, pp. 33-34)*

A linguagem possui ambiguidade e, por vezes, é o sentido que possui o sujeito. No deslocamento, o significante anula o que significa (letra de *uso não significativo*): “o inconsciente é que o homem seja habitado pelo significante”, avança Lacan (1956/1998e, p. 39) e, também, a *primazia do significante* (p. 43) é o que resta do *significante quando ele já não tem significação*: o habitante da linguagem ganha sua primeira versão. Contudo, essa ordem simbólica não é suficiente para abarcar o que concerne ao inconsciente e que se trata de saber como a linguagem determina o sujeito, pois a repetição localiza o lugar daquilo que não era palavra e funda esse sujeito.

A primazia da fala e do significante na constituição do sujeito do inconsciente nos coloca diante do fato de que o sujeito se estrutura (e se constitui) pelas vias das narrativas que o determinam, pelo falar de si e por ser falado pelo outro semelhante, imaginário em uma relação especular. Por ser falado pelo grande Outro simbólico que o acolhe, e é justamente o modo dessa primeira relação primordial que dará o tom do que se segue nessa cadeia. Esse tom marcará a posição da criança na estrutura da linguagem, também entendida como posição no desejo do Outro, desejo alimentado pelas palavras desse Outro que a inscreve na linguagem, pois ainda não fala.

Todavia, é importante supor que haveria outras possibilidades de se dizer de si e de ser dito pelo outro para além das condições de fala expostas até aqui, pois o autista não realiza o falar de si para um outro que o reconheça, seja via imaginário, seja via simbólico, considerando que o simbólico se sustenta em torno de símbolo

(falo) de saber. O que possibilita, ao autista em sua constituição, a experiência de formar um eu e fazer-se alteridade? Essas premissas são válidas para a condição subjetiva do autista, considerando que o eu é, antes, uma função narcísica e uma formação social, sendo que o sujeito é uma formação de alteridade que impõe reconhecer o outro também como alteridade? Nenhum dos dois aspectos se presentificam na questão do laço com o autista tal como se distingue com as outras estruturas.

No escrito a “Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, Lacan (1957/1998f) continua a explorar o campo da linguagem que concerne ao inconsciente psicanalítico, e é na linguística estrutural que recorta os elementos dessa estrutura. A primazia da fala é explicitada pela primazia do significante como elemento estrutural carregado pela letra que desliza nas associações da fala. Ao estruturar o inconsciente como uma linguagem, prevalece a função da fala como o instrumento, o enquadre, seu material e os *topos* das incertezas da experiência psicanalítica. Porém, além da fala, “é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (Lacan, 1957/1998f, p. 498), rechaçando a ideia do inconsciente como reservatório dos instintos. A letra no título concerne – de modo literal – ao “suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (Lacan, 1957/1998f, p. 498), já se aproximando da forma acústica descrita pela linguística.<sup>6</sup> A letra distancia a linguagem do inconsciente do somático e do psíquico, no sujeito falante: não são mais os signos da fala que carregam o significante, mas a letra, essa sonoridade acústica quase indiscernível aos ouvidos menos atentos e menos flutuantes. Desse modo, a fala é um dos modos da linguagem portar essa letra. A razão primeira dessa proposição é que a linguagem antecede o sujeito, e a segunda é que todo sujeito nasce alienado ao universal da

---

6 Essa letra/*lettre* é suporte material e será o *parlêtre*, o ser por falar, (e)feito letra.



linguagem, inscrito – mesmo que inicialmente pelas vias do nome próprio – nesse universal de estruturas elementares cujas relações constitutivas antecedem sua história.<sup>7</sup>

A linguística estrutural dá a Jacques Lacan o estatuto – da linguagem – necessário para compreensão do inconsciente freudiano por meio do estudo das estruturas das línguas e as leis que regulam seu funcionamento, de onde recorta o algoritmo que funda essa ciência: S/s, em que se lê significante (S) sobre significado (s).<sup>8</sup> Significante e significado são ordens distintas e a barra, para Lacan (1957/1998f), faz resistência à significação, de tal modo que o significante não se reduz a carregar um significado.<sup>9</sup> Interessante que essa delimitação não se limita a nomeações nem à arbitrariedade do signo linguístico, mas refere-se à função do significante. Lacan (1957/1998f, p. 501) recusa que essa função seja a representação do significado, numa cadeia de significados de coisas e objetos que elas

- 
- 7 Premissa que aparece em vários pontos do ensino de Lacan e que enfatiza o campo da linguagem como anterior ao sujeito, tesouro dos significantes que o antecede e cujo furo (de sentidos) o torna “portador” do buraco do Real. Todavia, na lógica borromeana, é o Real que nos antecede.
- 8 Lacan inverte propositalmente o algoritmo de Ferdinand de Saussure (1916/1995) escrito como Signo igual a Significado sobre significante (S=S/s). Vale lembrar que Lacan se encontra com a linguística estrutural não por meio dos trabalhos do linguista genebrino, mas por Lévi-Strauss e seu estruturalismo cultural e civilizatório, e por Roman Jakobson com sua poética e cultura e que foi o primeiro a associar metáfora e metonímia com o deslocamento e a condensação do sonho freudiano.
- 9 Sobre a barra, Vorcaro (2016), ao abordar a constituição do sujeito a partir do nó borromeano, lembra, relendo Jacques Lacan no *Seminário, livro 20, Mais, ainda*, de 1972-1973, “que importa localizar o modo borromeano de atar os registros” de Real, Simbólico e Imaginário considerando “que a barra entre significante e significado é uma reta infinita e da equivalência matemática entre reta infinita e círculo” (p. 737).

representam. Recusa, ainda, que o significante tenha “que responder por sua existência a título de uma significação qualquer”.<sup>10</sup>

A ciência não é a busca de sentidos do sentido, e é o significante que entra no significado, conforme exemplo que usa para as mesmas portas de banheiros com nomes diferentes (homens/mulheres), em que é o significante que precipita o sentido sobre as duas portas iguais, tem efeito de sentido.<sup>11</sup> O significante, continua Lacan (1957/1998f, pp. 504-505), não comporta nenhuma significação pronta, pois a estrutura significante é estrutura por ser articulável: a cadeia de significantes composta por elementos distintos concatenados por leis de funcionamento que lhes são próprias. Elementos que são os fonemas descritos, pela linguística, como sistema sincrônico em “pareamentos diferenciais necessários ao discernimento dos vocábulos numa dada língua”. Esse elemento diferencial, em cadeia, quando impresso, é a letra, “a estrutura essencialmente localizável do significante.”<sup>12</sup>

Das propriedades do significante, a “cadeia significante” é o meio que conduz os elementos em distinção (significantes) e de ordem própria fechada: “anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar

---

10 Como dirá mais tarde Lacan (1964/2008b), com Freud, o significante é *Vorstellungrepräsentanz*, o representante da representação.

11 Como algoritmo, ainda não é possível considerar essa visada de Lacan como formalização na lógica matemática, devido, justamente, a essa letra que carrega esse significante cuja função é o efeito de sentido. Diferença interessante entre a combinatória significante, onde o sujeito é o desvio incluído nessa cadeia, e a combinatória de letras de um conjunto, onde o sujeito é o excluído, o particular no universal da combinatória, resultado de trocas de letras nessa combinatória, onde mexendo com uma, toda uma fórmula matemática muda.

12 Essa definição de letra, como impressão baixa dos fonemas da língua, será transformada no ensino de Lacan na marca indizível entre Real e Simbólico, não capturável nos fonemas da língua, indecidível entre o fonema, a frase ou mesmo todo o pensamento, conforme Lacan no seminário *Mais, ainda* (1972-1973/1985b).

feito de anéis” (Lacan, 1957/1998f, p. 505). As unidades mínimas da língua se enodam como anéis encaixados uma na outra para decantar o significante na cadeia de fala como superfície linear. Essa natureza linear da língua é importante diferenciador em relação à estrutura topológica: na primeira, os elementos jamais se sobrepõem, não poderiam se tocar, nem estar no mesmo lugar da cadeia, forçados a seguir em retas paralelas, o que é o limite do simbólico; na segunda, as dimensões se tocam, se sobrepõem e são não lineares, mesmo partindo de retas, o que é a borda topológica. Porém, a poética das línguas possibilita intervenções e deslocamentos nessa ordem, transformações, atravessamentos e subversões, tal como nas formações do inconsciente que furam isso que estaria encerrado em si mesmo, por isso se diz que o chiste é libertário e o ato falho é bem-sucedido.

São as relações associativas e paradigmáticas entre significantes que fornecem as significações da língua, e não o contrário. O significante traz um aspecto de antecipação ao sentido e, nessas relações, desdobra-se, tendo o efeito de sentidos, como no exemplo do esquecimento de palavras em frases que não impedem o sentido do que está sendo falado por causa do deslizamento do significado sob o significante na cadeia. A metonímia carrega esse lugar na fala, do recalque. O enunciado “Esqueci como chama o nome daquela rua” ilustra isso em um desfiladeiro de excesso de esquecimentos, de negativas. O sentido insiste nessa cadeia e nenhum dos seus elementos consiste na significação. Essa estrutura também aparece em elipse e zeuma, em que um termo apagado é facilmente subentendido na frase como em “Casa de ferreiro, o espeto é de pau” para a primeira, e para a segunda, o termo é retomado pela sua supressão, como em “Eu assisto a filmes, mas somente os nacionais”, em favor da economia da língua. Desse jogo de significação entre significantes, a elisão será preciosa para localizar como a negação tem efeito de sujeito que aparece suprimido nas sentenças, escondido no vazio entre significantes. Em termos

de funcionamento da língua, a elisão suspende no enunciado um fonema, atando outros dois, como em “caixa d’água” e possibilita vislumbrar ser possível sobrepor significantes numa posição. Essa exclusão deixa uma marca em ausência, lugar de onde advém o traço do sujeito. Para Lacan (1957/1998f), a linearidade da língua comporta um “ponto de basta” para reverter essa cadeia.<sup>13</sup> O funcionamento do significante permite ao sujeito dizer sua verdade, na medida em que não está atrelado a nenhum significado pronto, como ao expressar algo diferente do que está falando. Das funções do significante, Jacques Lacan (1957/1998f) passa, a partir dos trabalhos do linguista Roman Jakobson, a destacar a metonímia como *palavra por palavra* e a metáfora como *uma palavra por outra*. Ainda, nesse momento, o termo *palavra* não foi substituído pelo termo *significante* como será feito nos anos seguintes, mas o que interessa é a estrutura significante que uma palavra, no sentido lexical, carrega.

A letra estrutura o inconsciente freudiano. O sonho é um *rébus* a ser entendido ao pé da letra:

*O que se prende à instância, no sonho, dessa mesma estrutura literante (em outras palavras, fonemática) em que se articula e se analisa o significante no discurso . . . as imagens do sonho devem ser retidas por seu valor significante, isto é, pelo que permitem soletrar*

---

13 Alguns autistas insistem na rigidez nessa cadeia. Uma dessas formas é o uso de um paralelismo muito próprio que não permite facilmente reverter essa cadeia, seja na entonação da fala diretamente vinculada à evitação da concatenação, ou no uso maciço de uma estrutura sintática. Um recorte como o que se segue mostra essa rigidez em entonações repetidas, transcritas a seguir: *Qué blin-CÁ? Tô blincan-DO?! Cê ba-TI no ho-MI? / Ba-TÊ DI chine-LO*. Quando se retira essa defesa da criança, vê-se como o mutismo pode se estabelecer.

*do “provérbio” proposto pelo rébus do sonho. (Lacan, 1957/1998f, pp. 513-514).<sup>14</sup>*

Antes, é valioso que letra e ao pé da letra em psicanálise não se tratam de um sentido literal – do tipo “essa palavra é isso”, mas é o traço fonemático que não se confunde com outro traço. Portanto, tem a ver com forma sonora e escutada, e não com conteúdo ou significado. Aqui, a letra é referida ao fonema, às menores unidades sonoras que, na fala sobre o sonho, ganha função significante de inscrever o sentido do sonho: é ao falar que o sonho toma forma para quem fala com aquele que escuta, e essa forma falada de um sonho o torna mais complexo ainda em seu deciframento.<sup>15</sup> O valor

---

14 Lembro que no texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, aqui explorado, Lacan (1953/1998b) parte desse mesmo material freudiano para dizer dessa combinatória no inconsciente.

15 A letra perderá essa função significante de significância na cadeia sonora e passará à função de traço (unário) na escrita do inconsciente. Nesse ponto, é necessário ressaltar como a fala “perde” a primazia do peso das palavras, mas não perde a função de realizar a cadeia significante, onde passa a estar em cena um inconsciente estruturado pelas marcas da articulação do Real, do Simbólico e do Imaginário, para ser lido e não apenas interpretado na escuta. Nos anos de 1954-1955, no seminário sobre o eu na teoria e na técnica psicanalítica, Lacan (1954-1955/1985a) apresenta o esquema/modelo L para mostrar a fala e as posições do sujeito, do grande Outro e do outro com referências ao que desenvolveu nesses textos referidos a partir da hipótese do inconsciente estruturado pelas propriedades da língua e tomando a fala como aquilo da língua que o indivíduo se apropria. Enquanto a estrutura da língua concerne às suas propriedades e funcionamento (significante, valor, linearidade, entre outras), a estrutura da fala é composta pelo eu e pelo outro (paciente e analista) e pelo sujeito e grande Outro, atravessados pelo inconsciente, o que determina uma outra posição diante da fala: nem quem fala nem quem escuta tem domínio sobre o que é falado e o que é escutado (o que se escuta nunca é o que foi falado, do ponto de vista dos envolvidos na enunciação), estabelecendo o mal-entendido, os lapsos, a transformações e a mensagem invertida do sujeito, que não é o eu, retornando sempre invertida do grande Outro, que não corresponde diretamente ao receptor do código linguístico. No modelo de fala lacaniano, todos os

significante da imagem do sonho não tem a ver com o “significado” imediato da imagem rememorada: é preciso tomar essas imagens faladas por significantes como letras (hieróglifos). No que se refere ao inconsciente, estamos em uma escrita literal, de letras a serem decifradas e não decodificadas. Não são códigos e símbolos o que se inscrevem no inconsciente, mas cifras apartadas de sentidos, linguagem anterior ao verbal. Também, um fonema não é um significante. Fonemas são traços sonoros que carregam a natureza distintiva e negativa dos signos das línguas, os significantes. Por isso, a cada avanço na teoria, para a psicanálise interessará o significante como corte que pode ser qualquer coisa que carregue essa marca distintiva inscrevendo o ponto de basta da repetição e, posteriormente, como traço do sujeito, distanciando-se do significante em cadeia da linguística estrutural e toda a questão dos sentidos.

Lacan (1957/1998f) associa a noção freudiana de transposição (*Entstellung*), condição do sonho, com a de deslizamento significante sob significante na linearidade da cadeia em funcionamento inconsciente: as associações sintagmáticas são de um significante a outro significante. A transposição – encadeamento significante – ocorre via condensação (*Verdichtung*) e deslocamento (*Verschiebung*): respectivamente, metáfora (*superposição de significantes e efeito de significações/enigma/sintoma no sentido analítico*) e metonímia (*transporte da significação, meio que o inconsciente usa para dissipar a censura, instala a falta, desejo por outra coisa*). O que distingue esses dois mecanismos da língua, no sonho, é outra condição própria do

---

envolvidos e encobertos pelo campo da linguagem são estranhos. Nesse modelo se inter cruzam o Imaginário e o Simbólico, o eu imaginário se desentende do sujeito, não há simetria na fala, a mensagem é sempre invertida: o trabalho de interpretação, na experiência psicanalítica, é fazer valer essa dissimetria, o mal-entendido, e não a inscrição de sentidos imaginários. A mensagem invertida (o discurso do Outro como discurso do sujeito) tem importância na questão do autismo, pois, ao prescindir da tradição de fala, o autista recusa essa inversão, essa instabilidade constante.

significante: a figurabilidade, encenação simbólica que se escreve quando se esgota justamente as aparências, as articulações lógicas e gramaticais. Essa figurabilidade pode ser compreendida como o que da natureza do significante resta por interessar à psicanálise, resta como forma a ser transformada, mantendo seu traço unário que identifica o ser. Lacan (1957/1998f) faz uma colocação interessante para o inconsciente como forma submetida às leis do significante e à prevalência da *encenação muda* (figurabilidade) e função da fala: “O fato de o sonho dispor da fala não modifica nada [a encenação muda], visto que, para o inconsciente, ela é apenas um elemento de encenação como os demais” (p. 515). Assim, a fala é um elemento a mais na encenação muda do inconsciente, nos ditos do inconsciente, e a função da fala dá espaço a uma leitura da figurabilidade, uma linguagem muda que estrutura o inconsciente. Desse inconsciente como transposição do significante para as significações via metonímias e metáforas, o traduzir-se na transferência, o sujeito se confunde com esse lugar das significações, com o efeito desse algoritmo no momento que S (significante) transpõe a barra e tem efeito de s (sentido). Porém, é essa confusão do sujeito com o significado que se desfaz considerando, entre outras coisas, a importância desse funcionamento para o que é o sintoma em psicanálise: uma resposta do sujeito no encontro com o Real, vestígios e rastros a serem ser lidos, porque não é como sentido que sujeito do inconsciente é reconhecido, mas no seu sintoma.

Lacan (1957/1998f) tece elaborações sobre o sujeito na encenação muda do inconsciente, partindo da máxima cartesiana [Eu] *Penso, logo existo* para fazer ver a radicalidade do inconsciente nesse fundamento da ciência moderna, radicalidade de um *sujeito do significante*: “O lugar que ocupo como sujeito do significante, em relação ao que ocupo como sujeito do significado, será ele concêntrico ou excêntrico? Eis a questão” (p. 520). Levando em consideração a fala, a questão é se *quando falo de mim, sou idêntico àquele de*

*quem falo*, sou o eu do enunciado que diz “Eu sou Pedro”? Como jogo metafórico e metonímico do sujeito, sua falta e seu desejo, *eu sou onde não penso*, o eu do enunciado não é idêntico ao sujeito.

A letra, o ser e o outro estão ligados. Em português, perde-se a homofonia entre *la lettre*, *l'être* e *l'autre*, em francês (Lacan, 1957/1998f). Essa nota mostra todo o trabalho significante entre a letra, o ser e o outro naquilo que tem efeito de sujeito do inconsciente e que isso não corresponde a uma espécie de outro eu. A homofonia do traço dá forma ao sem sentido de que é feito o inconsciente. Na transposição, novas amarrações com as mesmas letras para fazer o ser e o outro. A elisão é marcada pelo apóstrofo, traço que resgata a máxima freudiana para o sujeito do inconsciente: *Wo Es war, soll Ich werden. Là où fut ça, il me faut advenir* (lá onde isso foi, ali devo advir). Nessa fórmula, está inscrita a reconciliação do ser com o sujeito diante do confronto entre a falta e o desejo. A reconciliação seria uma espécie de concordância do sujeito com esse conflito, e não uma resolução: o que há no inconsciente é conflito entre o *Eu*, o *Id* e o *Isso*, nos termos freudianos. Mantém, a cadeia significante, o que destaco para antever que o que acontecerá com a língua em psicanálise, se realizando como *lalangue*, lapso de *la langue* em francês e que não comporta essa elisão, em algo como “*l'langue*”: Lacan fez o significante um, decantado da cadeia.

Sobre o sujeito, Lacan (1957/1998f) pergunta: “Qual é, pois, esse outro a quem sou mais apegado do que a mim, já que, no seio mais consentido de minha identidade comigo mesmo, é ele quem me agita?” (p. 528). A alteridade resgatada do funcionamento do significante (teoria do valor de Saussure) é o que marca a distinção entre o sujeito e o eu semelhante: o grande Outro como alteridade, o sujeito distinto do ser. Outro como dimensão da linguagem e, portanto, da (meia)verdade, tal como estrutura o inconsciente, *tesouro dos significantes*, conforme expressão de Ferdinand de Saussure explorada por Jacques Lacan nas consequências desse grande Outro



para a constituição do sujeito. Essa dimensão simbólica comporta o assujeitamento e a liberdade do sujeito em termos constitutivos: como mostrei, a linguagem como o que nos antecede nos determina por sua estrutura e pela articulação de seus elementos, mas comporta o lugar possível de escapar dessa submissão a esse grande Outro. Como sujeito, estamos submetidos à mesma lei – funcionamento da língua. No entanto, é como sujeito que sou aquele de quem nada se sabe, mas ao mesmo tempo aquele do qual se fala alguma coisa. Embriagado pelo sentido que vem do Outro, como significante, re-volto ao que me causa, subverto essa lei.

Da lógica do Simbólico, resta do significante o valor esvaziado e a irredutibilidade da cadeia e sua função: a função de corte, fundamental para a torção que Jacques Lacan efetivará na estrutura, pois esse corte é o que marca a falta de algo no inconsciente. Cabe saber o que faz esse corte na estrutura simbólica. As relações entre os significantes determinam essa função, pois não são antecedidas de sentido, prevalecendo a ação entre os elementos e que nada é anterior a isso. Aqui, ainda, elementos do simbólico da linguística estrutural.

A expressão “a função significante” remete à instauração do vazio na estrutura, o corte cujo efeito é a possibilidade de haver sujeito do inconsciente porque não há sujeito sem o corte que o funde. Essa função se define por esse significante primordial carregar o traço unário, marca da negativa no inconsciente, do vazio causa do desejo (*o nada que cria conceitos*). Tem-se o traço apagado que atesta a presença/ausência estruturante na constituição do sujeito, na cadeia significante, ao instaurar esse vazio. A homofonia supracitada carrega o equívoco por ser esse traço que pode ter vários sentidos, justamente por ser esvaziado deles no momento em que o sujeito fala: corte cujo efeito é a possibilidade de haver sujeito do inconsciente na concatenação significante. As formações do inconsciente são respostas a essa marca do Real, assim como o sintoma. Essa marca primeira da linguagem *nãotoda* fundamento da regulação simbólica, tem um

fruto, o desejo: é da linguagem essa falta.<sup>16</sup> Como sujeito do desejo marcado pelo significante (sujeito barrado), os seres de linguagem entram em um encadeamento, numa espécie de devir permanente em torno dessa primeira marca da falta. Falar em desejo é colocar na cena analítica demanda, falo, Nome-do-pai e grande Outro, significantes que, rompendo o imaginário na experiência analítica, localizam o desejo como apartado do instinto, da necessidade e da vontade do sujeito. O desejo só pode ser concebível como interpretação seguindo um trilhamento naquilo que Lacan (1957-1958/1999; 1958-1959/2002b; 1961-1962/2003a) definiu como grafo do desejo. Essa construção localiza o litoral da estrutura simbólica, o *topos* exato onde a fala que carrega sempre questões em torno do desejo se esgota. Mostra como a cadeia simbólica encarnada no outro é composta de um furo impreenchível, o lugar da falta (de resposta): a topologia e seus objetos vão contemplar esse vazio.<sup>17</sup>

---

16 Seguindo possível tradução minha para os neologismos lacanianos *pastoute* e *pastout* no texto *Létourdit* (1972), e que tem a ver com a incompletude da linguagem abordada, optei por *nãotoda* e *nãotodo* quando se tratar desse ponto.

17 O grafo do desejo se refere à série de Jacques Lacan em torno das questões do sujeito e seu desejo, como o esquema L. Pertencente à matemática, a teoria dos grafos é uma representação de elementos e das relações entre estes em um determinado conjunto; estuda objetos combinatórios: os grafos (Feofiloff et al., 2011), conjuntos de pontos com linhas que ligam pares desses pontos/elementos. Segundo Lucchesi (1979), um grafo consiste de um conjunto finito de elementos chamados vértices e arestas e uma função de incidência que associa cada aresta a um par não ordenado de vértices distintos ou não, os extremos. Ainda, grafos são representados por diagramas, onde cada vértice é representado por um ponto e cada aresta por uma linha que liga os pontos que representam os extremos. Esse raciocínio permite a Lacan demonstrar (via simbólico) o trilhamento do sujeito na direção de seu desejo e o que decorre disso. O grafo do desejo lida com a insuficiência dessa representação: no problema a ser enfrentado, faltam sempre elementos. O grafo do desejo é um grafo simples e completo, com seus vértices adjacentes, havendo nele um extremo impossível de ser associado (entre aresta e um vértice distinto), entre a cadeia significante e o sujeito nas posições topológicas dos elementos e das relações sem as quais não haveria funcionamento

O grafo de Lacan é composto por siglas, “linhas que as religam, mais um punção [o corte]. O conjunto dá uma figura que se pode dizer topológica, no sentido em que se pode amarrotá-la sem que as relações entre essas notações mudem” (Safouan, 2004, p. 16). O grafo realiza a transformação da estrutura, algo que muda sem mudar, como se dá com as línguas. Partindo do vértice do engodo imaginário como forma vazia, como se o objeto tivesse uma imagem ideal, nesse trilhamento, o significante vai impondo suas leis e o grande Outro, não mais reduzido ao semelhante: é o lugar de onde o sujeito recebe sua própria mensagem de forma invertida, alteridade radical. O esquema L que Lacan utilizou entre os anos de 1954 e 1957 para esquematizar o espaço da fala, uma topologia entre simbólico e imaginário ainda na lógica do signo e do sentido, ganha uma torção. Nessa mensagem invertida está contida a falta a ser substituída pela metáfora paterna, pois, até então, o sujeito se identifica com ser o falo (símbolo da lei simbólica, o significante que falta), a falta do outro. É o Nome-do-pai que marca a impossibilidade dessa função fálica (castração).

Em sua base, o grafo do desejo tem relação com o código e a mensagem. No segundo patamar, a relação é entre a pulsão, a fantasia, o A barrado e o desejo, torção fundamental para a entrada em cena de uma lógica outra na estrutura do inconsciente. A interpretação do desejo não concerne ao código carregado pela mensagem: a fala arrasta um elemento que lhe é subtraído justamente nessa relação com o outro, carrega um significante que falta.<sup>18</sup> Nesse ponto, a fala e o significante só se mantêm pelo que

---

do discurso. O sintagma nominal *Grafo do desejo* já é a realização, no discurso, dessa lógica, pois o significante *desejo* carrega essa marca impossível.

18 A castração (a morte que a linguagem esconde) é o lugar dessa virada: “E por quê? Porque ao nível em que o sujeito está implicado, introduzido ele próprio na fala e por isso na relação com o outro como tal, como lugar da fala, há um significante que falta sempre. Por quê? Porque é um significante. Esse signifi-

demarcam de uma falta, pela ausência, e é essa relação do sujeito com o significante que o grafo desvenda em seus dois andares. Essa divisão do grafo é consequência do sujeito saber ou não saber o que está falando, significar-se (ou não) em sua significação nas tramas de um mal-entendido invertido. Conforme Lacan (1958-1959/2002b), isso se dá em todo ato de fala. Ao adicionar à fala o nominal *ato de*, a ênfase é muito mais no verbo, no que a fala realiza, do que no que é falado em código. Falar é existir como sujeito do desejo. Os atos de fala estabelecem que algo se realiza ao ser dito, contando com todos os contraditórios da linguagem e com as posições que os sujeitos ocupam, questionando a total submissão à ordem própria da língua.

Os dois primeiros andares do grafo correspondem ao sujeito que ainda não fala (imaginário/necessidade) e ao sujeito que fala (demanda/simbólico). No segundo andar, Lacan (1958-1959/2002b) localiza o código, “o lugar onde jaz o tesouro da língua em sua sincronia” (p. 39), os elementos que permitem aos seres de linguagem se comunicarem, a organização estrutural da língua em demanda, sujeito e grande Outro. O código está dado sincronicamente como um sistema de elementos distintivos, de significantes distintos de outros significantes. Assim, na comunicação, “o que é comunicado não é o signo de outra coisa, e é simplesmente o signo de que aí no seu lugar, não está um outro significante” (Lacan, 1958-1959/2002b, p. 39). É no jogo da demanda e do desejo, ser falado e falar à criança,

---

cante é especialmente delegado à relação do sujeito com o significante. Esse significante tem um nome, é o falo. O desejo é a metonímia do ser no sujeito: o falo é a metonímia do sujeito no ser. Voltaremos a isso. O falo, na medida em que é elemento significante subtraído à cadeia da fala, na medida em que ela engaja toda relação com o outro. Este é o princípio limite que faz com que o sujeito, sem dúvida, e na medida em que está implicado na fala, cai sob o golpe disso que se desenvolve em todas as suas consequências clínicas, sob o termo de complexo de castração” (Lacan, 1958-1959/2002b, p. 33).

que o sujeito, enquanto *eu*, passa para os *desfiladeiros da articulação significante*, em função do ato de fala da mensagem. Como suporte da mensagem, esse *eu* varia a todo momento e é sensível no discurso, no “eu digo”, eu oculto evocado na fala. O ato de falar do sujeito impõe ao grande outro fazer a questão fundamentalmente sem resposta: *Che vuoi?* O outro responde ao ato de falar do sujeito com essa questão: então, o que queres? “Será que falando, o sujeito sabe o que faz?”, o sujeito se convence de que é amado, pergunta Lacan e responde com Freud, dizendo que não:

*O sujeito no ato de falar, e na medida em que este ato de falar vai bem entendido muito mais longe que simplesmente sua fala, pois toda a sua vida é implicada nos atos de falar, pois a sua vida como tal, ou seja todas as suas ações são ações simbólicas – ainda que não fosse porque elas são registradas, elas estão sujeitas a registro, elas são muitas vezes ação para se tomar ato, e que finalmente, tudo o que ele fizer como se diz, e contrariamente ao que se passa, ou mais exatamente conforme a tudo o que se passa no juiz de instrução, “tudo o que ele fizer pode ser considerado contra ele” – todas as suas ações serão impostas num contexto de linguagem e os seus gestos mesmos são gestos que não são jamais senão gestos a escolher num ritual preestabelecido, ou seja numa articulação de linguagem. E Freud a isto: “Ele sabe o que faz?” responde não. Não é senão isso o que exprime o segundo andar do meu grafo, e a saber que esse segundo andar só é válido a partir da questão do Outro, ou seja Che vuoi? “O que queres?”; que até o momento da questão, bem entendido ficamos na ignorância e na tolice. (Lacan, 1958-1959/2002b, p. 44)*

O apelo do sujeito não é o que parece ser, não é o que ele fala, pois está marcado pelo significante tornando-o demanda. No que se refere à mensagem que recebe do Outro, trata-se de um significante do Outro que falta. O sujeito “não sabe com o que é que fala, é preciso revelar-lhe os elementos propriamente significantes de seu discurso, e que ele também não sabe a mensagem que lhe chega realmente ao nível do discurso do ser” (Lacan, 1958-1959/2002b, p. 45). Ele não sabe a mensagem que lhe chega do outro à sua demanda, já que se trata da relação do sujeito com o significante que marca a morte como o lugar do desejo que, no grafo, é escrito como X e que somente pode ser interpretado sob a fórmula do fantasma (sujeito barrado punção de *a*): é o ponto do giro, no grafo do desejo, na medida em que nem a fala nem a mensagem dizem sobre o que deseja o sujeito. Esse ponto sobre o qual retorna o sujeito é o ponto do inconsciente como tal, marcado pelo não saber e interditado ao código e à fala. O giro se dá no ponto do recalcado (de significantes) na cadeia contínua opondo-se a esse inconsciente interdito, no nível do sujeito pré-discursivo, na cadeia descontínua. Esse giro, na experiência psicanalítica, corresponderia a um giro da primazia da fala destinada a comunicar algo do desejo do sujeito (via interpretação) para outro discurso que diz mais sobre isso, conforme Safouan (2004).

Considero que esse giro interrompe a linearidade da cadeia simbólica no ponto do corte. No grafo, o Outro não está inserido na lógica da intersubjetividade, mas é o lugar da linguagem, dos significantes. Como lugar da linguagem é não-todo ( $\bar{A}$ ). Sem correspondência entre significante e significado, o sujeito articula a significação recebida do Outro, lugar da mensagem carregada pelo significante. A mensagem invertida é consequência da escrita invertida do signo linguístico, como mostrado. Nessas primeiras inscrições, como mostra o traço na homofonia, há uma sutil fronteira

entre sentido e significação.<sup>19</sup> Ainda, no grafo, o sujeito que fala se depara com um objeto que de modo imaginário estaria no outro semelhante. Primeira identificação na qual o engano é anunciado pela barra que divide o signo do desejo. O objeto causa do desejo é acessível somente na fórmula da fantasia marcado pelo X da questão do sujeito no que tange ao seu desejo – sujeito barrado punção de *a*.

O progresso de Jacques Lacan na direção de apartar a experiência psicanalítica da captura imaginária teve no Simbólico sua possibilidade, na medida em que este comporta, como cadeia de significantes, a incompletude da linguagem. Como articulação, escreve um limite ao simbolismo e o corte no engodo do sentido da interpretação frente ao inconsciente como lógica da subjetividade, pois o Outro não é mais absoluto. Ao considerar o grafo do desejo, é fundamental tomá-lo não como uma representação ou transcendência do sujeito e da análise, mas levar em conta uma topologia do sujeito possível de alocar o objeto causa do desejo inapreensível pelas formas intuitivas. A partir da comunicação subordinada à intersubjetividade,

---

19 Segundo Safouan (2004): “Se nenhum sentido novo se produz, vamos lidar com uma significação recebida, e é o caso de falar do significado do Outro, exceto se o Outro se apresenta aqui como sendo o lugar do código definido pelos modos de emprego. Se, ao contrário, a mensagem esbarra num sentido inédito, então temos sempre que lidar com uma mensagem do Outro, mas dessa vez como sendo o lugar não mais do código, mas do que Saussure chama ‘o tesouro dos significantes’, esses jogando em todos os níveis, principalmente no nível fonemático. Cabe perguntar aqui se os chistes homofônicos não contribuíram para a alfabetização da escrita nos Fenícios e Gregos, uma vez que esta evolução foi travada lá onde a escrita foi sacralizada desde seu nascimento para servir à dominação dos Estados. Seja lá o que for, ali onde há uma palavra há um sujeito que sabe que fala, talvez até mesmo que se dedique a realizar-se nesse caminho, de deixar ou de tomar, a palavra. É isso que se designa por S ‘sujeito marcado pelo significante’. Esse sujeito fala por si mesmo. Donde sua aparição no discurso como Eu [*moi*]. Ora, o Eu consiste em sua alienação. É preciso, portanto, a respeito desse Eu, simbolizado por *m*, que coloquemos a sigla *i(a)* simbolizando a imagem do semelhante ou do pequeno outro, que, mesmo separado do Eu por um abismo, não seria menos o mesmo por isso” (p. 26).

o grafo exhibe a identificação imaginária e a identificação simbólica em uma ordem sincrônica, na qual a cadeia significante tem função da palavra em um circuito da pulsão entre o desejo e o fantasma. A palavra passa a carregar algo indeterminado dentro da linguagem, e essa indeterminação ascende à primazia na cena analítica. Desse jeito, a fala está em um conjunto de ditos que o sujeito, no circuito do desejo, lança mão para dizer sobre essa indeterminação, sobre o inapreensível pelas formas da língua, recortado pela cadeia significante. Pensando no autista e sua relação com a linguagem, o grafo do desejo poderia parecer mítico e algo a ser alcançado, contudo, leva-se em conta a lógica que organiza esse circuito do desejo: um X indeterminado que sempre esteve ali, um Outro *nãotodo*. Os elementos simbólicos como demanda, castração, desejo, fantasma, são enfrentamentos das estruturas centradas no falo para lidar com esse objeto indeterminado, algo como o que é preciso saber disso. Qual resolução o autista faz sem essa impregnação das outras estruturas, já que ele aponta, no laço e no trilhamento, saber que o Outro não é absoluto, testemunha uma linguagem não-toda, testemunha a carência do (Eu)falo em saber sobre o sujeito?

Ao reler o “Projeto para uma psicologia científica” de Sigmund Freud (1895/1995), Lacan (1959-1960[2008a]) vê o aparecimento de *das Ding* como a indeterminação, a elisão na fala. Apresenta *das Ding* e a relação do significante com um vazio interno exterior, a partir do qual a cadeia significante se organiza e, por efeito, o sujeito se constitui: o nada gera um primeiro conceito, *a Coisa*.<sup>20</sup> O aparelho

---

20 No texto “Projeto para uma psicologia científica”, Sigmund Freud (1895/1995), por reiteradas vezes, ao discorrer sobre o funcionamento do aparelho psíquico e sua relação com a linguagem, percepção, representação, escrita, energia psíquica, deixa transparecer algo, nesse funcionamento, de indizível. No jogo entre o sistema de neurônios, a realidade, a percepção e as ideias, algo escapa desse sistema, das descrições e explicações possíveis pelas vias da consciência, algo que, contradizendo o objetivo de seu “Projeto”, não seria natural. Nesse texto



de linguagem tem como motor o Real, operando justamente por sua incompletude. A estrutura comporta coisa indizível na medida em que essa ética, não permitindo que o gozo seja barrado, impõe a barra, a divisão do Outro. O Outro absoluto é barrado, mas permanece como marca estrutural inesquecível, inominável, como *das Ding*.

A noção de *das Ding* e sua ascensão à dignidade de objeto é o território de articulação entre Real e Simbólico: enquanto o objeto será aquilo do Real que não se ligará a nada, a nenhuma predicação, *das Ding* se liga ao grande Outro como barrado, sendo a sobreposição

---

freudiano, significantes fundamentais para a estruturação do psiquismo se inscrevem pela primeira vez no discurso da psicanálise: facilitação (*Bahnung*), ligação (*Bindung*) e representação/ideia (*Vorstellung*), assim como a inesperada *das Ding* (a Coisa). Freud (1895/1995, p. 491), descreve a experiência com o próximo como que se decompõe em dois elementos: “num componente não assimilável (a Coisa) e num componente conhecido do ego através de sua própria experiência (atributos, atividades) – o que chamamos de compreensão”. *Das Ding*, a coisa freudiana, apresenta-se como aquilo que escaparia das facilitações e ligações, o excluído do Simbólico, mas pertencente a este. *Das Ding* é resposta do pequeno ser às tensões que vem do exterior, porém este não diferencia ainda dentro e fora: primeira marca do psiquismo, nos termos freudianos, no entre o estímulo e percepção e a maturação do ser. No funcionamento dos neurônios a que Freud se dedica, no “Projeto”, *das Ding* está relacionada ao neurônio *a*, aquele que nunca muda, enquanto o neurônio *b* corresponde ao predicado, funcionamento que busca satisfação antes do pensamento. Assim, o aparelho psíquico perseguirá a imagem de movimento que corresponde ao prazer proporcionado pela vivência, a satisfação, conforme Lucero e Vorcaro (2009). Essa marca vazia, sem qualidades e sem quantidade, é o traço (não mnêmico) de que o outro (como cadeia significante) sobrepôs-se sobre o organismo vivo e imaturo, iniciando-se o jogo das satisfações, da demanda, do desejo e do desamparo. Na terceira parte deste livro, sobre o autismo e as negativas, retorno ao referido texto freudiano para tecer elaborações sobre as associações entre imagem-verbal, *das Ding* e atributos, em que a excitação da imagem-sonora torna-se imagem-verbal, seguida de catexia e do grito de onde se inventa a fala, e de como a modalidade particular de (não) associação imagem-palavra seria uma condição presente na estrutura autística.

do Real sobre o Simbólico, a barra desse Outro.<sup>21</sup> Lacan (1959-1960[2008a]) reforça que *a Coisa* como (do) Real é o que insiste, persiste e retorna, sem ser jamais representada ou articulada na cadeia significante. Porém, não é o objeto perdido.

A diferença entre *das Ding* e *die Sache*, princípio do prazer e princípio da realidade, ajuda a compreender a articulação entre Real e Simbólico. Articulação que possibilita avançar de uma estrutura simbólica sustentada pela fala plena de repetições significantes para uma estrutura topológica suposta nos ditos que libera o sujeito da repetição sem fim. Essa alforria se dá na medida em que o Real como o que retorna sempre ao mesmo lugar (à falta do real) escreve, nesse retorno ao vazio, a invenção e a criação como saída do sujeito para a tensão que o constitui. O sujeito tenta se desatar do passado sempre retomado na fala (sua historicidade e sua ficção), atualizando o laço que o constitui entre Real, Simbólico e Imaginário em torno do objeto perdido. Na fala, esse objeto não se inscreve, ao contrário do discurso.

Tanto *Das Ding* e *die Sache* são coisa. Porém, são distintas no que concernem ao trilhamento do psiquismo, à negativa e às representações: ao ler os termos como significantes no discurso psicanalítico, Jacques Lacan (1959-1960[2008a]) nos coloca diante

---

21 Como lembra Safatle (2006): “essa ‘coisa’, ou precisamente *das Ding* no vocabulário lacaniano, é o primeiro modo de aparição do real ou a primeira emergência da falta própria do real antes da castração propriamente dita” (p. 51). Sustentando a negativa como marca generalizada do autismo, esse ponto destacado pelo filósofo ajuda a compreender como o Real marca essa estrutura, mantendo esse sujeito atado nesse tempo mítico anterior à castração considerando não haver inscrição da metáfora paterna nessa estrutura, diferença fundamental da psicose, onde esse significante é inscrito e foracluído. No autismo, é fundamental insistir na distinção estrutural entre exclusão e foraclusão, porque, mesmo sem a castração propriamente dita, há um significante que marca uma falta, lembrando Lacan (1959-1960[2008]) de que é pelo significante que a coisa pode existir.

da distinção entre a fala e o discurso. Ambos concernem à passagem ao Simbólico, à ordem simbólica que humaniza o organismo vivo e estrutura o inconsciente a partir da relação do sujeito com o significante, este sobre o qual opera a negativa. *Ding* diz respeito à estrutura de linguagem do inconsciente e *Sache* diz respeito a uma operação de linguagem, uma função que articula palavra e coisa na pré-consciência. E, entre uma e outra, as ligações que escrevem o encadeamento da linguagem. Destaco como Lacan (1959-1960[2008a]) reitera que, no mundo humano, nada há fora da linguagem e que palavras e coisas estão alocadas como ordem simbólica: não existiria “coisa” alguma fora da linguagem e, assim, palavras e coisas são elementos da cadeia simbólica. *Sache* é “a coisa, produto da indústria ou da ação humana enquanto governada pela linguagem” (Lacan, 1959-1960[2008a], p. 60), a superfície de toda existência passível de explicação e produto da pré-consciência que nossa intenção pode fazer vir à tona, assim como a palavra se diz e se articula como coisa. O significante “trem”, muito utilizado em Minas Gerais, encarna *Sache* como a coisa que se diz e pode ser o que o sujeito quiser. Palavra e coisa são representações indissociáveis no campo da linguagem. Digo mais, na função da fala, as palavras criam as coisas. *Das Ding* é outra coisa. Não é nem representação de palavra (*Wortvorstellungen*) nem representação de coisa (*Sachvorstellung*), é o ponto em que o princípio da realidade fracassa diante de uma necessidade vital que é por não se saber qual, por ser inconsciente. Enquanto *Sache* é explicável, portanto, passível de ser conhecida, *Ding* é segredo, inexplicável, algo que jamais será confessado no divã.

Ao ler as construções de Freud em seu “Projeto” (1895/1995) sobre o jogo entre princípio da realidade, quantidade e qualidade conforme o processo de representações do mundo exterior, Lacan (1959-1960[2008a], p. 62) observa que esse exterior como realidade psíquica não concerne ao fora do homem, mas a uma *profunda subjetivação do mundo exterior* escrita por alguma coisa que cria e criva

uma realidade a partir de peças escolhidas pelo homem: “Trata-se de um signo na medida em que nos avisa da presença de alguma coisa que se refere efetivamente ao mundo exterior, assinalando à consciência que é com esse mundo exterior que ela lida.” A *das Ding* lacaniana comporta o impossível de ser localizada (nessa medida, jamais pode ser lida pela ontologia), é não reconhecida, está fora da significação, mas é o princípio do devir do sujeito em torno de seu desejo e do objeto causa do desejo: o objeto perdido freudiano e reencontrado apenas miticamente.

*Das Ding* é a negatividade alocada, é a marca do Real sobre o Simbólico permitindo os giros do sujeito em torno dessa causa. Nesse sentido, a negatividade é estruturante, anterior às suas próprias modalidades, é o Outro interdito, proibido. *Das Ding* é o signo de como o sujeito lida com o mundo exterior que o nutre, a partir do qual assimila os elementos de sua estruturação. É, contudo, um mundo caótico e feito de acasos, segundo Lacan (1959-1960[2008a]).<sup>22</sup> A estrutura significante se interpõe entre a percepção e a consciência e o inconsciente como princípio do prazer que se inscreve no psiquismo. Essa regulação pela estrutura significante permite a primeira apreensão da realidade pelo sujeito: *Ding* é o elemento de linguagem isolado pelo sujeito em seu inconsciente, que lhe é estranho e hostil, é o Outro absoluto do sujeito e o orienta em relação ao seu desejo. Em torno da Coisa, o sujeito organiza sua realidade no discurso, sua cisão na busca desse objeto perdido que o ser almeja reencontrar. *Das Ding*, vazio, furo do Real no Simbólico, o “fora-do-significado” (Lacan, (1959-1960[2008a], p. 71) é a resposta contingente à questão impossível de responder: Que queres tu? *Das Ding*.

---

22 Infiro como a imutabilidade é esse signo, para o autista, na função de *das Ding*, da Coisa surgida do caos do mundo, seu princípio de ordenação a partir da negativa que aparta o Outro antes que este se torne marca inesquecível para o sujeito. Os objetos ditos autísticos seriam uma versão sem significação de *Sache*.

A cisão do sujeito está relacionada com a negativa como estruturante do inconsciente. Lacan (1959-1960[2008a]) mostra isso a partir da distinção que existe entre a função da fala e a função do discurso, na experiência analítica, fundamental para meu objetivo em avançar da primazia da fala imaginária para a topologia, no que concerne ao autismo. *Das Ding* é o ausente, é justamente o que *não é* do discurso e que orienta o sujeito por não deixar de ser representação, de ser um anseio do objeto. O Simbólico se enlaça ao Real, *das Ding* a algo que está mais além, mesmo que representado pela Coisa. Entre o sistema inconsciente e o pré-consciente há a elisão, a negativa da Coisa a ser representada. Na gramática do sujeito, aparece na elisão, no esquecimento, na supressão na cadeia.

Essa negativa premente está para além dessa gramática ao renegar seu desejo. Trata-se da negativa inscrita entre enunciado e enunciação e que, na língua francesa, concerne ao uso da partícula [*ne*]: em termos de inconsciente, é uma negação quando o sujeito fala e não quando é falado, ou seja, essa negativa só existe no discurso, da palavra em circulação, dos significantes em cadeia. Talvez o mais realizável que se tem de um ato de fala. A fala carrega as representações metafóricas, enquanto o discurso carrega o dito, o que se realiza no dizer. A negativa estrutural, da qual *das Ding* porta algo que está mais além, inserindo uma topologia do Real, diz respeito ao não dito. O inconsciente tem estrutura significativa com função de organizar a Coisa onde insiste a falta do Real (Lacan, 1959-1960[2008a]).

Na ética da experiência analítica, a fala e suas palavras serão enlaçadas em uma topologia na qual o ser segue localizado no número esvaziado de significado, na formalização que faz barreira a uma psicanálise como metalinguagem, explicativa. Esse número é o que se destaca do Real pelas vias de uma letra decantada dos significantes. A partir de *das Ding*, a fala cede lugar ao discurso que comporta uma escrita planificada, achatada e que são ditos

advindos das dimensões do Real, do Simbólico e do Imaginário: escrita, forma do Real que retorna sempre ao mesmo lugar desse objeto perdido a ser ansiado pelo sujeito. Melhor dizendo, pelo ser falante, cuja lógica subjetiva se escreve aos moldes de traços que escapam à significação e à repetição: trata-se de inventar com o mesmo um corte na repetição para o novo, um giro que desloque o sujeito do centro que o limita.

O que o sujeito cria diante dessa inscrição constitutiva, do anseio pelo objeto? A noção de sublimação estaria na linha de frente das respostas a essa pergunta. Como essa noção escapa aos meus objetivos, irei, na sequência, considerá-la de modo limitado, mas suficiente para acompanhar as torções lacanianas para uma topologia estrutural, uma vez que a sublimação é tomada como o que eleva um objeto à dignidade de Coisa.

O objeto precisa passar pelo Outro para que dele seja excluída qualquer referência ao desejo como natural:

*Algo do Real do objeto, de das Ding, atravessa a experiência do sujeito e este núcleo irredutível encontrará seu apoio nos orifícios reais do corpo. Os furos do corpo não podem se fechar, de tal forma que os objetos os invadem, criando as bordas por onde a pulsão terá que passar, as zonas erógenas. (Lacan, 1959-1960[2008a], p. 15)*

Lucero e Vorcaro (2013) esclarecem que, dessas primeiras trocas simbólicas, os objetos parciais da pulsão são imaginarizados em função de *das Ding* como núcleo irredutível à satisfação plena. Em razão da parcialidade, Jacques Lacan (1964/2008b) desloca a pulsão de seu alvo (objeto) e coloca o prazer no que contorna o objeto, no circuito pulsional entre o sujeito e Outro. Lei que tira o sujeito do gozo vicioso da primeira satisfação alucinada, demarcando

um vazio de *atração irresistível*, em torno do qual o sujeito se põe a *fantasiar*. O sujeito se posiciona em torno do vazio: fundamento da sublimação em que um objeto, ao ser elevado à dignidade de Coisa, contorna e mantém esse vazio, objeto inscrito no Simbólico como falta. Reitero a importância do *passar pelo outro* como um ponto de extremo embaraço para o autista, sendo preciso localizar que os ditos objetos autísticos sem investimento libidinal são soluções frente à dificuldade de inscrever essa parcialidade pulsional dependente dessa passagem, dessa concatenação. O caráter imutável na estrutura autista retém esse ponto de passar ao Outro pela seriação significativa, por metáforas e metonímias. A lógica da figurabilidade pode desenhar essa passagem por ser muda.

Neste trilhamento da teoria, faço agora um salto. Chego ao ponto em que o psicanalista Jacques Lacan, no seminário *De um outro ao outro* (1968-1969/2008c), às voltas com o feminino e com o “não há relação sexual”, pensando na formalização, debruça-se sobre uma outra proposição de sublimação, na parte em que o grande Outro está apartado da satisfação do sujeito e a Coisa freudiana perde força para o objeto *a*. Diferenciando *das Ding* do grande Outro, a Coisa passa a ser o lugar intolerável do gozo e a sublimação está ligada ao destino das pulsões e, assim, sublimar seria um problema para o autista e o destino biunívoco de suas pulsões sem passagem para as parcialidades, para as cisões do Outro.

Da introdução ao narcisismo feita por Freud, a sublimação é evocada como a relação de idealização do objeto. Das pulsões e suas vicissitudes, é evocada do enigma de que algo se satisfaz com a pulsão, com o próprio circuito. A dialética do prazer comporta um nível de estímulo a ser buscado e evitado, dentro de um limiar, implicando uma zona de prazer intenso e proibido. Esse limiar como centralidade dessa dialética é campo do gozo, “o gozo em si como tudo o que decorre da distribuição do prazer no corpo” (Lacan, 1968-1969/2008c, p. 218), do “vacúolo”, esse centro e êxtimo do

sujeito em que o Outro não acessa e não regula. As zonas erógenas freudianas ganham um contorno e um centro, a borda. Do grito, sai o silêncio absoluto, grito que surge da presença do ser mais próximo, ressaltando que essa presença não é o grande Outro que articula o significante do inconsciente: esse ser mais próximo é a “imanência intolerável do gozo”, e o grande Outro “é apenas sua terraplenagem higienizada” da qual se limpou o gozo do inconsciente estruturado como uma linguagem (Lacan, 1968-1969/2008c, pp. 219-220).

Por nada sabermos da sexualidade, haveria outra possibilidade de sublimação sustentada na articulação de que “na pulsão intervém o que é chamado, em topologia, de estrutura de borda” (Lacan, 1968-1969/2008c, p. 223): os objetos que funcionam como pulsão sempre se caracterizam “por orifícios nos quais se encontra a estrutura de borda”, estrutura de fluxo constante por essa borda (*Drang* freudiano). Vale ressaltar que a estrutura de borda não concerne a uma estrutura significante, mas ao (des)sentido matemático, uma rota formalizada que mantém um enigma: “a pulsão, por si só, designa a conjunção da lógica da corporeidade. O enigma concerne mais a isto: como foi possível convocar o gozo da borda a uma equivalência como o gozo sexual?” (Lacan, 1968-1969/2008c, p. 223), convocar o objeto ali onde se inscreveria a Coisa. As funções estruturantes da borda são a delimitação do vacúolo como o furo próprio do gozo, função de defesa do gozo em que a sublimação tem a ver com o *objeto a*, a ser alimentado nessa centralidade vazia e não mais fálica. Como fato constitutivo, a borda faz função, na ordem do Real, de gozo e, na ordem do Simbólico, a cadeia significante faz função de desejo. Nessa direção, é o objeto que *faz cócegas em das Ding* e não mais almeja sua dignidade. O grande Outro é apartado, é excluído da cena do grito. A rota formalizada se distribui nos orifícios do corpo, e sublimar é inventar essa rota em torno do objeto *a*, tal como o grito coisa muda e que não tem relação com a palavra. Há um traço que bordeia o furo do Real, uma escrita de borda.



Volto à torção da cadeia simbólica para a estrutura topológica que comporta o furo do Real. Lacan (1960-1961/1992) profere a máxima definição simbólica de *sujeito* como *aquilo que um significante representa para outro significante*, ou, *o significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante*, em detrimento do signo como o que representa algo para alguém: na intersecção entre significantes, o vazio que representa o sujeito.<sup>23</sup>

Nesse ponto, cabe retomar o autismo: se a recusa do autista à primazia da fala implica recusar o encadeamento de significantes, o *passar pelo Outro*, isso comprometeria o Outro como lugar do desejo, dos efeitos de sentido. Prevaleceria a lógica de ser algo para alguém como signo na relação signo e coisa para o autista. Essa articulação signo e coisa não concerne ao sentido, mas à negatividade que o signo carrega no significante que o forma, fora da cadeia significante, como destacado sobre *das Ding*. Assim, o peso da negativa no discurso corresponde a algo sempre do impossível de representar, algo para além do significado e que escapa à função da fala. Ainda, o significante *representa*, no aforismo lacaniano mencionado, merece ser compreendido na lógica de *das Ding*, possível naquilo que o significante carrega de ausência, de traço apagado circundando o objeto a ser ansiado pelo sujeito. O autista abriria mão do anseio por *das Ding*? Em termos de especulação teórica não, pois isso é do sujeito do desejo que a psicanálise sustenta para todos os seres de linguagem. Todavia, em que termos um significante representa um sujeito dito autista?

---

23 *Sujeito* como *aquilo que um significante representa para outro significante*, ou, *o significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante*: esses enunciados compõem uma banda de Moebius, significante e sujeito – duas bandas do ser falante. Para isso, basta manejar os significantes nessa cadeia, nessa seriação na fala, fazer uma torção no discurso sobre esse ponto *representa*, que é significante que cobre o vazio.

Essa representação na cadeia do discurso tem a ver com identificação, com alguém diante de um outro, seja como semelhante ou como distinto. Lacan (1961-1962/2003a) faz uma separação importante, destacando o significante em seu estado bruto, pura diferença: trata-se da relação do sujeito com o significante que carrega o traço unário da historicidade que lhe concerne. Essa marca esvaziada situa a angústia por colocar o sujeito diante do objeto do desejo deixado para trás no limiar da cadeia de significantes. O falo como signo do desejo organizador da estrutura no lugar deixado pelo corte da castração é lido como raiz de menos um. Não se trata de negativizar o desejo, agora a negativa incide sobre o objeto *a*, esse menos um impronunciável. Destaco que essa relação concerne ao sujeito e ao significante e à rasura que ele carrega, o traço unário, não mais à cadeia de significante. Entra-se na formalização pela topologia dos objetos espaciais, de um espaço como objeto plano e invariável, de onde o sujeito transforma a direção da rígida cadeia significante.<sup>24</sup> Da negatividade da teoria do valor aproxima-se da diferença pura: o sujeito é o excluído, essa ex-sistência do significante que o representa para outro significante, não sendo o representado. A incorporação do objeto *a* é o que aloca a experiência analítica na topologia: sujeito

---

24 Topologia é o estudo dos espaços e suas propriedades; o espaço plano (superfície) e invariável não encerra as dimensões topológicas, definidas pelos movimentos nesse espaço (profundidade); o tempo é a dimensão do espaço como superfície e profundidade; o que interessa à psicanálise, da topologia, é a dimensão de espaço e as relações que a estruturam (topologia estrutural), uma estrutura desembaraçada de um objeto físico, substanciado: “o sujeito não é o objeto da psicanálise, da mesma forma que a formiga e a colherinha não são objetos dos topólogos. Eles somente se interessam por suas aparições, ou seus trajetos, na medida em que estes possibilitam a descrição de um espaço particular” (Granon-Lafont, 1990, p. 18). A topologia comporta a cadeia significante, a letra que carrega esse significante naquilo que possibilita acompanhar o percurso do sujeito, sua aparição (evanescente) em um espaço particular, para além de três dimensões, RSI: o inconsciente estruturado como uma linguagem de lógica espacial, plana e de superfície, e não apenas na linearidade da cadeia simbólica.

é a identificação com esse objeto e não se reduz à identificação com o pai, nos termos freudianos, não se reduz a querer ser esse pai, não se fixa nesse primeiro laço antes da escolha objetal, não se reduz a um nome; ainda, não se reduz à identificação simbólica, da repetição na estrutura, lugar do furo, do Outro.

Incorporação é significante que diz de um movimento para dentro, portanto, não mais linear, de algo negativado, como o “vacúolo” mencionado: função do significante e seu duplo corte na entrada em cena de uma noção de corpo que não é o corpo biológico nem o corpo sensível da filosofia. O corpo do ser se acopla a esse *menos a* da linguagem que nos antecede. A imagem de um corpo como consistência, unidade e como sexual é tocada pelo Real que se apresenta como marca do impossível de se nomear. O corpo é resposta ao impasse na formalização, escreve-se como traço apagado, rasura, torção que aponta o vazio do simbólico como antecedido pelo nada, pela pulsão de morte como lugar da criação. O que instaura a retroação do sujeito sobre o significante que carrega esse traço apagado é a questão final do grafo do desejo: *O que queres tu?* Questão que impõe dois reconhecimentos pelas duas negativas que inscreve: nem sujeito nem Outro têm solução para o problema do desejo, e o fantasma vem contemplar essa dupla falta que só pode ser escrita enquanto forma. Agora, o sujeito não espera que o Outro reconheça seu desejo, ele se reconhece como sujeito que deseja, incorpora a falta no centro de seu espaço de existência em um amalgamar-se.

Dizer que a identificação é da ordem topológica é dizer que chegará em um ponto que o sujeito só pode ser igual a si mesmo em uma proposição de constituição radical de ser o significante que determina no corte da superfície:

*O significante determina o sujeito, o sujeito toma dele uma estrutura, estrutura que tem uma superfície. O que*

*o sujeito toma dessa estrutura significante que o determina: o corte que engendra a superfície, a “inserção do significante no real”.* (Lacan, 1961-1962/2003a, p. 347)

Do significante dos tempos do signo linguístico, fica o corte na superfície como resposta quando se pergunta o que é um significante. Essa passagem, entre outras, mostra a entrada na lógica de uma topologia estrutural possível pelo buraco aberto pelo corte do significante na estrutura do inconsciente como linguagem. Para além da cadeia significante que determina o sujeito como efeito de sentido, a lógica do real *como o que retorna sempre ao mesmo lugar* impõe a contingência como a possibilidade de existir sempre de outra maneira. O ser falante se traduz a cada vez que fala reinventando sua demanda e seu desejo, e não apenas interpretando.

No que se refere à questão estrutural do autista, a demanda é um caroço, pois o que o sujeito demanda do Outro é o objeto que ele supõe do (ser) do Outro e, de seu turno, o Outro supõe no sujeito o objeto de sua demanda. Isso pode ser dito como *o vazio do sujeito consiste no nada do outro, o nada do sujeito consiste no vazio do outro*: é o objeto alçado à dignidade de *das Ding*, é a retroação do significante, enodamento topológico forçando, retorcendo e transformando a linearidade da estrutura simbólica.

O significante, em sua função de corte, contorna o buraco que delimita o centro do ser, o objeto *a*. Ele permite o engendramento na concatenação significante de dois modos. Primeiro corte como engendramento não especular, mas especularizável pela dissimetria radical. Segundo corte, entre o sujeito e o objeto do desejo formalizado como o fantasma, na relação sujeito barrado e corte de *a*. O primeiro corte é do Simbólico sobre o Imaginário, situando o engano do eu. O segundo corte é do Real sobre o Simbólico, sobre o desejo, seu sentido e sua interpretação, daí que o desejo é a interpretação, o

que torna toda interpretação um equívoco, um furo do Simbólico, uma furada. A definição de sujeito como o que se revela no corte aparece: “estrutura de uma superfície topologicamente definida, determinada pelo corte, ou seja, a estrutura é uma superfície e o significante é o corte que a revela” (Lacan, 1961-1962/2003a, p. 347). Doravante, a estrutura caminha na direção do Real, o significante é parte dessa topologia, como a tesoura que faz o corte. A língua estrutural é afiada, mas não é mais o centro, agora é o objeto dito *a*.

Na elaboração de uma teoria da constituição do sujeito, hipótese de construção do psiquismo para o autismo, o que se escreveria como trilhamento estrutural seriam outras soluções diante desse corte primário, não mais indo na direção do centro de saber, ou de um cruzamento com o Outro, na lógica de demanda e de desejo: que elementos do Real, do Simbólico e do Imaginário lançaria mão o autista? Da borda, dos objetos autísticos, da ecolalia e outras modalidades de fala e de dizer, do corpo estereotipado e sem regulação da linguagem, da hiper e hipossensorialidade, da distância do outro, do não reconhecimento de si na imagem do semelhante, das inversões pronominais, do choro sem significação, da intolerância à fala, do não reconhecimento de nosso desejo, da invenção de linguagens que escapem à dominação do Outro, da angústia revelada diante da invasão ruidosa da voz e dos barulhos dos outros, da sensação de não ser escutado nos termos de seu dizer, muitas vezes tamponada pelo não falar, da imutabilidade. Lançaria mão da difícil tarefa de se localizar no campo de linguagem gerenciado por um outro centralizado que dificulta questionar a ordem própria do que está instaurado e, decorrendo disso, é mais seguro excluir, deixar de fora aquele que não se comunica como deveria ou incluí-lo a toda força, a toda autoridade de uma língua.

Não são poucas às vezes que se escutam de pais e mães de autistas ditos não verbais uma submissão quase violenta ao discurso do outro. A vivência de uma impossibilidade de se fazer ouvir nesses

pontos de angústia, em que a saída para uma organização mínima são repetições que, ao contrário da repetição neurótica, isolam mais ainda esses sujeitos, pois não trazem significados. Decorre disso uma certa desistência desses sujeitos, um silenciamento profundo na medida em que sabem, vivem na carne desse corpo que passam a vida tentando incorporar algo do desejo, o quanto nossos ouvidos estão restritos a uma lógica de linguagem alienante, autoritária e, inicialmente, invasiva. Autistas ditos verbais e considerados cognitivamente privilegiados expressam essas angústias em suas autobiografias, em suas terapias e análises, mas padecem desse desentendimento com o mundo, como se fez ouvir a jovem, certa vez, de que nada adiantava seus cálculos para conversar com os amigos, pois quando era sua vez, já tinham passado a outra coisa, a outro assunto.



**O que a autora oferece à leitura** é fruto de seu intenso esforço em registrar o que sua prática com crianças, efetivamente clínica, lhe transmitiu. Assinala-se que ela não trata das crianças conformadas aos ideais sociais, mas, justamente, aquelas que desde a primeira infância se contrapõem a padrões de normalidade perseguidos pelo discurso vigente.

Cirlana propõe considerar algumas apresentações pelas quais a linguagem pode incidir numa modalidade de corpo, conjugando-se na estruturação de um sujeito qualquer, focalizando formas surpreendentes. Assim, a autora se dedica a destacar, nos autistas, os efeitos paradoxais incomensuráveis que tangenciam certas operações de linguagem que se redobram sobre ela mesma para negá-la, assim, perpetuando-a.

A densa trajetória aqui tramada fissa o leitor, exigindo interesse e esforço, posto que convoca o clínico a transitar por uma constelação tensionada por conceitos pouco tratados que resistem à biunivocidade e ao mero encobrimento. É o que acirra o necessário debate sobre o furo da linguagem que, num só tempo, mantém-se incluído e em exterioridade a ela.

*Angela Maria Resende Vorcaro*

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-583-1



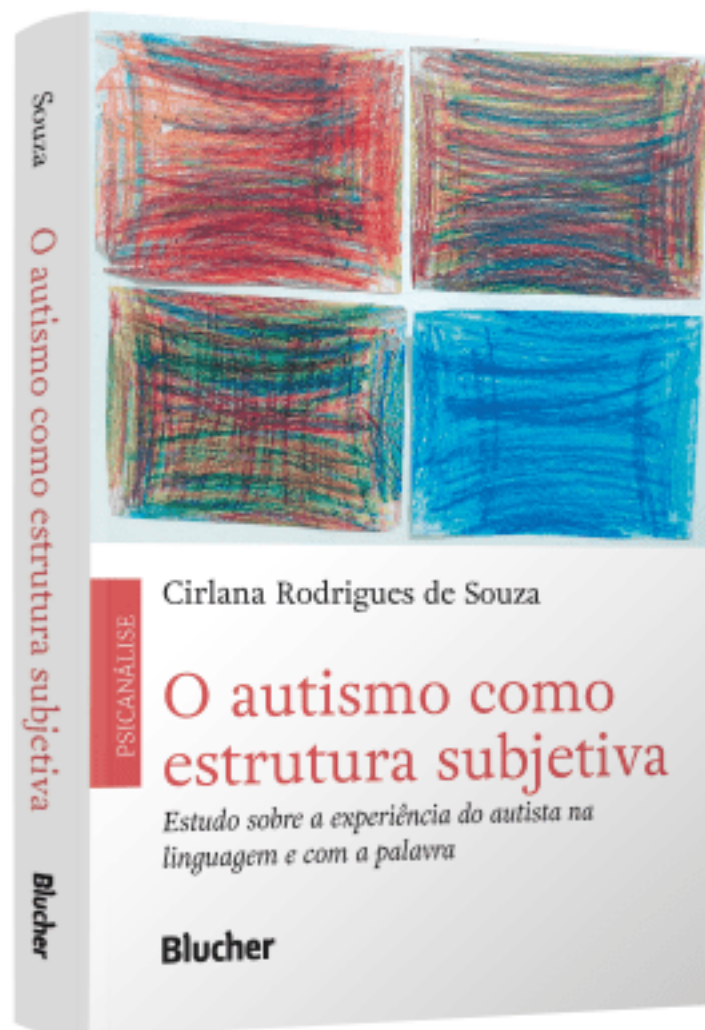
9 786555 106583 1



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**





Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## O autismo como estrutura subjetiva

Estudo sobre a experiência do autista  
na linguagem e com a palavra

---

Cirlana Rofrigues de Souza

ISBN: 9786555065831

Páginas: 512

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023

---